



Ebooks e bibliotecas

Carlos Pinheiro

5

bibliotecarbe
Rede Bibliotecas Escolares

gestão da biblioteca

5

bibliotecarbe
Rede Bibliotecas Escolares

Ebooks e bibliotecas

Editor Rede de Bibliotecas Escolares
Travessa Terras de Sant'Ana, 15
1250-269 Lisboa
<http://www.rbe.mec.pt>
rbe@rbe.mec.pt

Design gráfico Rede Bibliotecas Escolares
março de 2014

Pinheiro, Carlos
Ebooks e bibliotecas
(Biblioteca RBE)
ISBN 978-972-96059-8-7

CDU
003
027

Resumo	1
O que é um <i>ebook</i>	2
Quais as vantagens dos <i>ebooks</i> em relação aos livros físicos	2
Quando surgiram os <i>ebooks</i>	3
História do <i>ebook</i>	3
Tecnologias associadas	4
<i>Ebooks</i> e bibliotecas	6
Empréstimos de <i>ebooks</i> - situação internacional	9
Ferramentas para criar <i>ebooks</i>	10
Publicar <i>ebooks</i>	11
Bibliografia sobre <i>ebooks</i>	12
Recursos em linha sobre <i>ebooks</i> e novos <i>media</i>	15

> Resumo

Roger Chartier (2010), um dos maiores especialistas na história da leitura, considera que estamos a viver a terceira grande revolução da história do livro. A primeira terá correspondido à passagem do rolo para o códice, tendo afetado sobretudo a questão do suporte; a segunda data do século XV, com a invenção da imprensa de caracteres móveis, que revolucionou as formas de reprodução do texto. A terceira, a revolução digital que vivemos atualmente tem, de acordo com Chartier, implicações muito mais profundas do que as anteriores, pois revolucionou não só os suportes e as formas de reprodução, mas também as técnicas de produção e disponibilização, os meios de acesso e as formas de leitura.

É uma revolução ainda em curso, em que os formatos impressos continuam a desempenhar um papel importante e os formatos digitais estão longe de encontrar a sua forma definitiva, e em que novas tecnologias, anunciadas como revolucionárias, se tornam obsoletas rapidamente. Consequentemente, as interrogações sobre o futuro do livro são muitas e a única certeza é que esse futuro passará inelutavelmente pelo formato digital, embora com um período ainda longo de coexistência com o suporte em papel.

E qual o papel das bibliotecas neste novo contexto? Os *ebooks* representam uma oportunidade ou ameaça à sua sobrevivência? De que forma as bibliotecas poderão competir com iniciativas gigantescas como a Google Book Search, de digitalização e disponibilização *online* de milhões de livros, ou com a estratégia da multinacional Amazon de fidelizar clientes mediante serviços de empréstimo de *ebooks* ou, ainda, com os sistemas de *ebooks* por assinatura que se multiplicaram no último ano?

Não existe uma resposta definitiva e as indefinições quanto ao modelo da biblioteca do futuro são mais do que as certezas. Mas sabemos que as bibliotecas não são nem nunca foram depósitos de livros, mas centros de saber e conhecimento, e essa função pode e deve continuar a ser desempenhada independentemente dos suportes e dos meios de acesso, papel mais importante do que nunca no contexto atual de superabundância de informação. Será, contudo, necessário que as bibliotecas adaptem as suas coleções e os seus serviços às novas necessidades dos utilizadores, oferecendo experiências de contacto com o livro adequadas à forma preferencial como hoje se acede, produz e consome informação.

> O que é um ebook?

Abreviatura da expressão inglesa *electronic book*, ou livro eletrónico em português, o termo *ebook* é habitualmente utilizado num sentido muito amplo, tanto para designar textos digitalizados (cópias fotográficas digitais de livros em papel), versões eletrónicas de livros físicos (por exemplo, em formato .pdf) e livros em formato electrónico (ficheiros .epub), como, mais recentemente, se utiliza em relação a produtos multimédia concebidos para dispositivos móveis com ecrã tátil (*smartphones* e *tablets*), que combinam texto digital com animação, interatividade e realidade aumentada (livro-jogo, livro-app, livro interativo, *enhanced ebook*).

> Quais as vantagens dos ebooks em relação aos livros físicos?

Os livros em formato electrónico apresentam várias vantagens em relação ao papel. O preço (em média 25% mais baixo do que o dos livros físicos), a gratuitidade (existem milhões de títulos disponíveis gratuitamente, de autores em domínio público ou com licenças Creative Commons), a facilidade de acesso (armazenados na rede, são acessíveis a partir de qualquer ponto de acesso à mesma) e a disponibilidade (em teoria, não existe a figura de *título esgotado*) são talvez as vantagens mais evidentes. Por outro lado, os *ebooks* são fáceis de armazenar (os ficheiros eletrónicos de texto ocupam muito pouco espaço em disco), de distribuir (múltiplas cópias, multiacesso) e de atualizar (sem necessidade de reedições).

Entre as vantagens incluem-se, ainda, as características intrínsecas do *ebook*: propriedades multimédia (áudio, vídeo, interatividade), possibilidade de anotações e sublinhados de forma fácil e sem danificar o original, dicionário(s) integrado(s), adaptabilidade a leitores com necessidades específicas (baixa visão, problemas motores, etc.), facilidade de transformação em novos formatos (de texto para áudio, por exemplo) e ligação às redes sociais (partilha de comentários e anotações, integração em comunidades de leitores).

Os *ebooks* abriram ainda as portas da publicação a novos autores (o crescimento da autoedição está a ser um dos fenómenos mais notórios da transição para o digital) e potenciaram o surgimento de iniciativas como o *open access* (acesso aberto¹), com extraordinário impacto social, cultural e educativo.

¹ <http://www.acessoaberto.pt>

> Quando surgiram os ebooks?

Embora em teoria os *ebooks* sejam tão antigos como os sistemas informáticos e a sua capacidade de converter texto em linguagem binária, Michael Hart (1947-2011) é tradicionalmente considerado o pai dos *ebooks*. Em 1971, a Universidade do Illinois pôs um computador à sua disposição e Hart, prevendo que o futuro dos computadores seria a busca de informação e não a análise numérica, começou a digitalizar e disponibilizar na rede informática da universidade cópias de clássicos como a Declaração de Independência dos Estados Unidos, a Bíblia e obras de Homero, Shakespeare e Mark Twain. Nascia assim o projeto Gutenberg² que, desde esse início da década de 70 do século passado, cresceu até um total de mais de 38 mil *ebooks* gratuitos, mais de meio milhão em português.

> História do ebook

Após a criação do projeto Gutenberg, em 1971, a história do *ebook* conheceu outra etapa importante apenas uma década depois, quando, em 1981, foi publicado o primeiro *ebook* comercial (um dicionário da Random House). Em 1998, uma pequena empresa, a Nuvomedia, lançou no mercado o primeiro leitor portátil de *ebooks*, o Rocket, comercializado pela Barnes & Noble (B&N) e cujos *ebooks* eram somente adquiridos na página *web* da B&N. Tinha um ecrã LCD *touch screen* de 5,4 polegadas (320×240) e uma capacidade de armazenamento de 4 MB ou 16 MB.

Stephen King demonstrou, em 2001, como o digital podia constituir uma nova oportunidade de negócio para autores e editores e como os leitores estavam recetivos ao novo formato: o seu *ebook* *Riding de Bullet*, comercializado *online*, vendeu, em apenas dois dias, cerca de meio milhão de exemplares a 2,25 dólares cada.

Em 2006, a Sony dá outro passo importante em termos tecnológicos, ao apresentar o seu leitor de *ebooks* (*e-reader*) Sony Reader, que utilizava a revolucionária tecnologia da tinta eletrónica (*e-ink*). No ano seguinte, a Amazon, a maior livraria *online* do mundo, apresentou o seu próprio modelo de *e-reader*, o Kindle, ainda hoje uma referência em termos de dispositivos de leitura.

Em 2010, a Apple lança o iPad, que introduz um novo conceito em termos de computação móvel, o *tablet*, e que revoluciona a forma de acesso à informação, com impacto assinalável nas formas de leitura e na produção de conteúdos (conceitos como livro interativo, livro-jogo, livro-*app* passam a fazer parte do universo da edição). Os *enhanced ebooks* (livros melhorados/ enriquecidos), *ebooks* com elementos multimédia, como áudio, vídeo, animações ou realidade aumentada, conhecem algum sucesso graças a este novo tipo de suporte.

A história atual do *ebook* segue caminhos como os da adaptabilidade, da ficção interativa, do *storytelling*, das narrativas transmediáticas, dos *ebooks* por assinatura, da leitura na nuvem e de novos dispositivos de leitura e de acesso ao texto.

² <http://www.gutenberg.org/pt>

> Tecnologias associadas

> Tipos de ficheiro

O universo *ebook* compreende uma série de tecnologias associadas. Em primeiro lugar, a questão dos tipos de ficheiro. A imensa variedade inicial tem vindo a ser progressivamente reduzida e, atualmente, os *ebooks* são disponibilizados essencialmente em dois tipos de ficheiros. O mais antigo, e que vai progressivamente perdendo importância, é o formato .pdf. Pdf corresponde às iniciais de Portable Document Format e é um formato de ficheiro desenvolvido pela Adobe Systems em 1993. A sua principal vantagem é que permite manter um *layout* uniforme de textos e imagens, independentemente do dispositivo utilizado. Daqui deriva também a sua principal desvantagem, pois o facto de o texto ser estático torna-o pouco adequado à leitura em ecrãs de pequena dimensão, como o dos *smartphones* ou *e-readers*.

O outro tipo de ficheiro que está a ganhar cada vez mais popularidade, e que se pode já considerar o formato-padrão para *ebooks*, é o .epub. Trata-se de um formato de ficheiro livre e aberto, derivado do .xml, organizado pelo consórcio de empresas IDPF – International Digital Publishing Forum. O texto num ficheiro .epub é *reflowable*, o que significa que se pode mudar o tipo e o tamanho de letra, a cor do fundo, ou alterar o tamanho do que é apresentado, que o texto irá automaticamente adaptar-se à área de visualização disponível e à orientação que se pretender dar ao dispositivo de leitura. Este tipo de ficheiro possibilita, pois, uma maior adequação do *ebook* às necessidades do utilizador e ao suporte utilizado. A extensão do ficheiro é .epub. A grande maioria dos *ebooks* atualmente disponíveis nas lojas são ficheiros .epub ou *epub* modificado (caso da Kobo). A Amazon utiliza formatos proprietários (MOBI ou AZW no Kindle e KF8 no *tablet* Kindle Fire).

Recentemente foi lançada uma nova versão do formato .epub, designada epub 3, baseada em HTML 5, que permite melhor suporte para vídeo, áudio, *scripting* e interatividade.

> Tinta eletrónica

Outra das tecnologias que habitualmente surgem associadas aos *ebooks* é a tinta eletrónica (*e-ink*). Desenvolvida e produzida pela E-Ink Corporation, a tinta eletrónica consiste num ecrã com milhões de minúsculas microcápsulas com partículas brancas, de carga positiva, e partículas pretas, de carga negativa, flutuando dentro da microcápsula. Mediante um impulso elétrico, é possível atrair à superfície umas ou outras partículas, reproduzindo a cor preta, branca e diferentes níveis de cinzento. É a tecnologia usada pela maioria dos *e-readers*. Tem como principal vantagem, em relação aos tradicionais ecrãs LCD usados pelos computadores, *tablets* e *smartphones*, o baixíssimo consumo de energia (apenas o ato de mudança de página consome energia), pelo que a bateria dos *e-readers* pode durar semanas com uma única carga. Por outro lado, os ecrãs de tinta eletrónica usados pela tecnologia *e-ink* não emitem brilho sendo, portanto, menos

cansativos para os olhos, e permitem a leitura em ambientes muito iluminados. Como principal desvantagem, o facto de a tinta eletrónica apenas permitir reproduzir níveis de cinzento (embora já estejam a ser comercializados modelos de tinta electrónica a cores) e a sua pouca adequação para a reprodução de vídeos e outro tipo de animações.

> DRM (Digital Rights Management)

O DRM (em português, gestão de direitos digitais) é um sistema de encriptação que combina *hardware* e *software* com o objetivo de estabelecer os usos permitidos pelo titular dos direitos sobre uma obra digital. Em termos práticos, é um sistema anticópia que visa evitar a pirataria de conteúdos. É usado em ficheiros de música, de vídeos e também em *ebooks*. O sistema de DRM mais habitual em *ebooks* é gerido pela Adobe através do Adobe Digital Editions. Apesar de um movimento vasto de contestação ao DRM, a imensa maioria dos *ebooks* vendidos, tanto em Portugal como no estrangeiro, estão protegidos por DRM.

> OCR

O OCR é uma tecnologia essencial no processo de digitalização de livros. Iniciais de Optical Character Recognition (reconhecimento ótico de caracteres), o OCR é uma tecnologia que faz o reconhecimento de caracteres a partir de um ficheiro de imagem ou mapa de *bits*. Através do OCR é possível digitalizar uma folha de texto impresso e obter um ficheiro digital de texto editável. Existem várias propostas comerciais de *software* de OCR e, também, algumas gratuitas³.

³ Por exemplo, FreeOCR <<http://www.paperfile.net>>

> *Ebooks* e bibliotecas

> Modelos de bibliotecas de *ebooks*

O aparecimento e a crescente popularidade dos *ebooks* representam um desafio para as bibliotecas, no sentido de continuarem a assegurar um dos seus principais serviços aos utilizadores – o empréstimo de documentos – no novo ambiente digital.

A solução mais simples para as bibliotecas será a opção por um modelo de conteúdos gratuitos, sem custos acrescidos ou com custos marginais para a biblioteca. Incluem-se neste modelo a disponibilização de obras de domínio público, isto é, não abrangidas por direitos de autor. Em Portugal, o direito de autor caduca setenta anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente. O direito de autor sobre obra atribuída a pessoa coletiva caduca setenta anos após a primeira publicação ou divulgação lícitas.

O modelo domínio público é o modelo usado, por exemplo, pela Open Library⁴ (1 milhão de *ebooks* gratuitos) ou pelo já referido projeto Gutenberg⁵.

O modelo de biblioteca de *ebooks* gratuita pode ainda incluir obras licenciadas com licenças Creative Commons⁶ e obras da iniciativa Open Access, de que são exemplos o Directory of Open Access Books⁷ (1449 *ebooks* académicos *peer-reviewed* de 49 editores), a OAPEN Foundation⁸ (centenas de títulos em várias línguas) ou, para informação científica, os repositórios científicos, de que em Portugal temos o exemplo do RCAAP - Repositório Científico de Acesso Aberto em Portugal⁹ (mais de 500 mil documentos indexados).

Nos modelos gratuitos de bibliotecas de *ebooks* não se pode falar propriamente de empréstimo, uma vez que o utilizador pode descarregar livremente o ficheiro (não tendo de o devolver ao fim de um prazo). Neste caso, não tendo de gerir o empréstimo, cabe à biblioteca o importante papel de organizar a coleção, de a adaptar ao seu público-alvo, de providenciar um acesso fácil aos utilizadores e de colaborar no processo de digitalização e disponibilização de obras de domínio público.

> Modelos comerciais

Os modelos comerciais de empréstimo de *ebooks* em bibliotecas estão ainda a dar os primeiros passos em Portugal. Apresentaremos por isso um breve panorama dos modelos internacionais, em vigor sobretudo nos países anglo-saxónicos.

Em termos gerais, os modelos comerciais de empréstimo dividem-se em duas grandes categorias: modelos de acesso perpétuo (cada vez mais raros) e modelos de uso limitado (os mais comuns nos últimos anos).

⁴ <https://openlibrary.org>

⁵ <http://www.gutenberg.org>

⁶ <http://creativecommons.org>

⁷ <http://www.doabooks.org>

⁸ <http://www.oapen.org>

⁹ <http://www.rcaap.pt>

Acesso perpétuo significa que não existem limites temporais ou de número de empréstimos nos exemplares adquiridos pela biblioteca. O mais habitual é a biblioteca adquirir uma coleção de *ebooks* que pode emprestar de forma semelhante aos livros em papel. A principal diferença é que, habitualmente, o utilizador não tem de se deslocar à biblioteca para requisitar o exemplar, podendo fazê-lo *online*. A devolução é automática findo o período de empréstimo. Cada exemplar pode ser emprestado apenas a um utilizador (*checkout*), sendo raros os casos em que são permitidos múltiplos utilizadores por cada exemplar.

Nos últimos anos tem sido adotado o modelo de Patron Driven Acquisition (PDA), que em português poderemos definir como «aquisição definida pelo utilizador». Significa que a biblioteca só adquire o exemplar a partir do momento em que alguém requisita o título disponível no seu catálogo, evitando assim a aquisição de títulos que nunca são requisitados.

Os modelos de uso limitado correspondem a um modelo de subscrição, no qual a biblioteca não adquire realmente os *ebooks*, comprando antes uma licença (habitualmente anual) de utilização de uma coleção, renovável no tempo. Também aqui se tem vindo a impor um modelo semelhante ao PDA, mas de empréstimo em vez de aquisição (a biblioteca só paga pelo *ebook* de cada vez que ele é requisitado, num modelo semelhante ao *pay-per-view* do mundo da televisão).

Em ambos os modelos – o perpétuo e o limitado –, a biblioteca é confrontada com um conjunto de restrições impostas pelas editoras e que limitam o empréstimo. A mais polémica talvez seja a modalidade praticada pela editora Harper & Collins, que apenas permite um limite máximo de 26 empréstimos por cada exemplar adquirido pela biblioteca. Outras restrições habituais são preços inflacionados em relação às cópias públicas (que no caso da editora Random House pode chegar aos 300%), ou atraso na disponibilização de cópias para bibliotecas (na Penguin é de seis meses).

Por outro lado, é sempre vedada a possibilidade de empréstimo interbibliotecário e de cópia para preservação, e muito limitadas ou mesmo proibidas a impressão, cópia ou transferência de páginas.

Tendo em conta estas dificuldades, sintomas de uma indefinição geral de políticas de empréstimo e de uma legislação que tarda em adaptar-se ao contexto digital, a International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA) publicou, em fevereiro de 2013, uma declaração de princípios¹⁰ sobre empréstimo de *ebooks* em bibliotecas, que procura um ponto de equilíbrio entre a defesa dos direitos de autor e dos interesses comerciais das editoras e a missão das bibliotecas, salvaguardando a privacidade dos dados, a reconversão de formatos para preservação e a possibilidade de empréstimo interbibliotecário.

Na mesma linha, em junho de 2013, o European Bureau of Library, Information and Documentation Associations (EBLIDA) mostrou igualmente a sua preocupação perante as dificuldades com que as bibliotecas se debatem na adoção de sistemas de empréstimo de *ebooks*, ao publicar o manifesto *The Right to E-read*¹¹ que «solicita à Comissão Europeia uma definição clara da Propriedade Intelectual que permita às bibliotecas

¹⁰ <http://www.ifla.org/node/7418>

¹¹ <http://www.eblida.org/about-eblida/the-right-to-read-task-force-on-e-books.html>

adquirir e emprestar livros eletrônicos e também uma remuneração adequada para os autores e outros detentores de direitos, tal como acontece com os livros impressos, para que possam continuar a desenvolver os seus serviços em benefício de todos os cidadãos europeus».

> Fatores a considerar na seleção de um serviço

A adoção de um serviço comercial de empréstimo de *ebooks* deverá ser uma decisão ponderada, tanto pelos custos envolvidos como pelo risco que os projetos de inovação sempre comportam. Enunciamos algumas questões que as bibliotecas deverão ter em conta na seleção de um serviço:

- Número de títulos incluídos na coleção, número de editoras representadas e diversidade de géneros;
- Modelo de empréstimo mais adequado ao utilizador e orçamento da biblioteca: *streaming*, compra perpétua, subscrição, *patron driven*, aluguer, ...;
- Crescimento da coleção, frequência de atualizações, temas, material multimédia, integração de outros conteúdos (por exemplo, revistas);
- Especificações técnicas: navegadores, formatos (.pdf, .epub, .html) compatibilidade com *e-readers* e *tablets*, requerimentos de *software*, *plugins*, etc.;
- Serviço ao utilizador e apoio técnico;
- Funcionalidades. Disponibilidade de dados de utilização (estatísticas), de registos MARC, opções de impressão, de descarga, ferramentas de anotações, citações...

> Serviços de empréstimo

Existem internacionalmente várias plataformas comerciais de empréstimo de *ebooks*, sendo que uma delas é claramente a líder de mercado. Trata-se da multinacional norte-americana OverDrive¹², fundada em 1996, que em 2000 lançou uma plataforma de conteúdos, atualmente designada OverDrive Marketplace, que conta com mais de um milhão de títulos (*ebooks*, *audiobooks* e vídeos) de mais de 2000 editoras. A Overdrive é a solução adoptada por mais de 22 mil bibliotecas públicas, escolares e universitárias em todo o mundo, sobretudo em países de expressão inglesa.

Entre os serviços concorrentes da OverDrive conta-se a Baker & Taylor (105 000 *ebooks*, *cloud-based*), a Freading (modelo PDA *pay-per-use* de 50¢ a \$2 por utilização, catálogo de 20 000 títulos), a 3M Cloud Library (300 000 *ebooks* de 300 editoras, acesso perpétuo e *cloud content*) e, sobretudo para o mercado universitário, a Dawsonera (270 000 *ebooks* académicos de 450 editoras internacionais, com acesso múltiplo e ilimitado, impressão e cópia permitidas).

¹² <http://www.overdrive.com>

Em Portugal, temos o exemplo da Marka¹³, com uma filosofia algo diferente, que em associação com a EUEbooks¹⁴ disponibiliza soluções de empréstimo de *ebooks* para bibliotecas. A Marka é o sistema usado pela Biblioteca Nacional de Portugal (BNP).

> Empréstimos de *ebooks* - situação internacional

Em termos internacionais, o empréstimo de *ebooks* em bibliotecas caminha a várias velocidades, sendo notórias as diferenças entre o mundo anglo-saxónico (sobretudo Estados Unidos, Grã-Bretanha, Austrália e Nova Zelândia) e o resto do planeta.

Nos Estados Unidos, o empréstimo de *ebooks* é já uma prática consolidada e de assinalável sucesso, com um crescimento espetacular nos últimos anos. Em 2012, 40% das bibliotecas escolares, 89% das bibliotecas públicas e 95% das bibliotecas universitárias ofereciam um serviço de empréstimo de *ebooks*. Nesse ano, as bibliotecas públicas totalizaram 72 milhões de empréstimos de *ebooks*, correspondendo a um crescimento de 175% relativamente ao ano anterior. A plataforma líder de mercado é a OverDrive.

Fora dos EUA, a única realidade comparável é a da Grã-Bretanha, onde 71% das bibliotecas inglesas, 81% das galesas e 57% das bibliotecas escocesas têm empréstimo de *ebooks*.

Em países como a Alemanha, a França ou a Espanha, o empréstimo de *ebooks* em bibliotecas é praticamente residual.

Como exceções, o caso do Suécia, em que todas as bibliotecas têm empréstimo de *ebooks*, numa solução única e igual para todo o país, baseada na plataforma Elib, com um catálogo de 5500 documentos (4300 *ebooks* e 1200 *audiobooks*). É contudo um modelo contestado e em revisão.

De assinalar ainda que, em junho de 2013, o Governo espanhol lançou um concurso público para a aquisição de licenças de utilização de *ebooks* para empréstimo em bibliotecas públicas, bem como o sistema informático de gestão de empréstimos. Pretende-se a aquisição de 200 mil licenças de 1390 *ebooks* (em .epub ou .pdf) e 50 *audiobooks* (.mp3), num orçamento máximo de 1 640 000 euros. O modelo adotado é o da subscrição.

Em Portugal, o empréstimo de *ebooks* em bibliotecas públicas é inexistente. Existem algumas experiências ao nível de bibliotecas universitárias (v.g. Instituto Politécnico de Leiria e Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto) e de bibliotecas escolares (Biblioteca de Ebooks do Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro¹⁵), e o caso do empréstimo pago da BNP¹⁶.

Por outro lado, o mercado de *ebooks* em Portugal é ainda muito incipiente, o que condiciona a implementação de serviços de empréstimo. Uma boa parte das editoras

¹³ <http://www.marka.pt>

¹⁴ <https://www.euebooks.com>

¹⁵ <http://ileio.com/libraries/nativos-digitais>

¹⁶ <http://livrariaonline-ebooks.bnportugal.pt>

não dispõe de qualquer título em *ebook* no seu catálogo, e mesmo aquelas que já disponibilizam versões digitais não o fazem em todas as novas edições. Uma pesquisa na principal livraria *online* portuguesa, em junho de 2013, na categoria Romance, ofereceu algo como 12 273 títulos em formato de papel. Para a mesma categoria em *ebook*, o resultado foi de apenas 709 resultados, isto é, apenas 5,8% do total. Mais de 6 meses depois, no início de janeiro de 2014, o panorama melhorou ligeiramente na categoria em causa (12 565 títulos em papel e 887 em *ebook*, 7% do total), mas é revelador que dos quase 300 novos títulos em papel entre junho e janeiro, pouco mais de metade conheceu uma versão digital.

> Ferramentas para criar ebooks

Em termos simples, qualquer processador de texto constitui uma ferramenta para criar *ebooks*. As ferramentas que a seguir indicamos destinam-se preferencialmente à criação de ficheiros *.epub* (formato *standard* em *ebooks*) ou, num dos casos, ficheiros *.html*.

Adobe InDesign¹⁷ – Ferramenta de edição profissional da Adobe, permite exportar em *epub* e *pdf*. Disponível para Mac, Windows, tem como único contra o seu preço elevado.

Atlantis Word Processor¹⁸ – Trata-se de um editor de texto semelhante ao MS Word, com a capacidade de exportar o texto para o formato *.epub*. Tem um custo de 35 dólares, mas pode ser experimentado gratuitamente durante 30 dias.

Sigil¹⁹ – Ferramenta gratuita de edição de *.epub*, muito versátil e fácil de utilizar. Disponível para Mac, Windows, Linux.

Calibre²⁰ – Ferramenta gratuita de conversão de *ebooks*. Permite converter diferentes tipos de ficheiro em *.epub*, *.pdf* e noutros formatos compatíveis com diferentes tipos de dispositivos de leitura. Disponível para Mac, Windows e Linux.

iBooks Author²¹ – Ferramenta da Apple para criação de *ebooks*. Com um funcionamento semelhante a um processador de texto ou *software* de apresentação, permite de forma fácil criar *ebooks* e publicá-los na loja da Apple. Gratuito, mas apenas disponível para Mac.

ActiveTextbook²² – Ferramenta *online* que permite adicionar multimédia e interatividade (vídeos, imagens, questionários) a *ebooks* em formato *.pdf*. Gratuito até 50 MB.

¹⁷ <http://www.adobe.com/products/indesign.html>

¹⁸ <http://www.atlantiswordprocessor.com>

¹⁹ <http://code.google.com/p/sigil>

²⁰ <http://calibre-ebook.com>

²¹ <http://itunes.apple.com/br/app/ibooks-author/id490152466?mt=12>

²² <https://activetextbook.com>

Book Builder²³ – Ferramenta *online* gratuita de criação de *ebooks* com uma forte componente pedagógica. Oferece diferentes modelos e é possível exportar o ficheiro em formato .html.

Papyrus²⁴ – Ferramenta *online* de criação de *ebooks* a partir de diferentes tipos de *layout*. Permite exportar em .epub e .pdf. Disponível apenas para os *browser* Chrome e Safari.

> Publicar *ebooks*

Uma vez produzido o *ebook*, chega o momento de o publicar, com objetivos comerciais ou não. Indicamos algumas plataformas gratuitas que permitem a publicação e comercialização de *ebooks*:

- Escrytos (da portuguesa Leya) [<http://www.escrytos.com>]
- Lulu [<http://www.lulu.com/publish/ebooks>]
- Bubok [<http://www.bubok.pt>]
- Amazon - Amazon's Kindle Direct Publishing [<https://kdp.amazon.com/self-publishing/signin>]
- Amazon - Creative Space [<https://www.createspace.com>]
- Libre Digital [<http://www.rrdonnelley.com/libredigital>]

Lembramos que antes de publicar o *ebook*, deve ser feito um registo ISBN²⁵ do mesmo e que a cada tipo de ficheiro deve corresponder um ISBN diferente, isto é, se o mesmo título for publicado em pdf e epub, deverá ter ISBN diferentes. O registo é gratuito.

²³ <http://bookbuilder.cast.org>

²⁴ <http://papyruseditor.com>

²⁵ <http://www.apel.pt/pageview.aspx?pageid=216&langid=1>

> Bibliografia sobre ebooks

Aaltonem, M., Mannonen, P., Nieminen, S., & Hjelt, M. (2010). A collaborative study: on the demands of mobile technology on virtual collection development. *World Library and Information Congress: 76th IFLA General Conference and Assembly*, 10-15 agosto de 2010, Gothenburg, Sweden. Acedido fevereiro 4, 2014, em <http://conference.ifla.org/past/2010/151-aaltonen-en.pdf>

AA.VV. (2006). *Teoría del hipertexto: La literatura en la era electrónica*. Madrid, Arco-Libros.

Adin, R. (2010). Struggling with ebooks: To read or not to read. *TeleRead* [blogue], 17 de agosto de 2010. Acedido fevereiro 4, 2014, em <http://www.teleread.com/paul-biba/struggling-with-ebooks-to-read-or-not-to-read/>

Aptara (2011). *Uncovering ebooks' real impact 2009-2011*. Aptara. Acedido fevereiro 4, 2014, em <http://www.aptaracorp.com/home/survey>

Aptara (2012). *Reaveling the business of ebooks: The fourth annual ebook survey of publishers*. Aptara. Acedido fevereiro 4, 2014, em http://www.aptaracorp.com/assets/resources/wp/Aptara_eBook_Survey_4.pdf

Cassany, D. (2006). *Tras las líneas: Sobre la lectura contemporánea*. Barcelona, Anagrama

Cassany, D. (2012). *En línea. Leer y escribir en la red*. Barcelona, Anagrama

Carr, N. (2011). *The shallows: What the Internet Is doing to our brains*. Nova Iorque, W. W. Norton & Company.

Chartier, R. (2010). *La Muerte Del Libro?*. Santiago, Lom Ediciones.

Clark, J. (2010). Web standards for e-books. *A List Apart* [blogue], 9 março de 2010. Acedido fevereiro 4, 2014, em <http://alistapart.com/article/ebookstandards>

Colorado State University, Front Range Community College, Poudre River Public Library District (2011). *Ebooks and ereaders in public and academic libraries*. Acedido fevereiro 4, 2014, em <http://www.poudrelibraries.org/about/pdf/ereader-report-2011extended.pdf>

Common Sense Media (2013). *Zero to eight: Children's media use in America 2013*. CSM. Acedido fevereiro 4, 2014, em http://cdn2-d7.ec.common Sense Media.org/sites/default/files/uploads/about_us/zero-to-eight-20131.pdf

Cordón García, J. A., Gómez Díaz, R., & Alonso Arévalo, J. (2011). *Gutenberg 2.0. La revolución de los libros electrónicos*. Gijón, Trea.

D'Agostino, D. (2010). The strange case of academic libraries and e-books nobody reads. *TeleRead* [blogue], 7 de janeiro de 2010. Acedido fevereiro 4, 2014, em <http://www.teleread.com/ebooks/the-strange-case-of-academic-libraries-and-e-books-nobody-reads/>

D'Agostino, D. (2010). Reviving dead e-books in academic libraries: Be careful what you wish for. *TeleRead* [blogue], 9 de janeiro de 2010. Acedido fevereiro 4, 2014, em <http://www.teleread.com/drm/reviving-dead-e-books-in-academic-libraries-be-careful-what-you-wish-for/>

D'Agostino, D. (2010). Mortgaging the future of universities the e-book package way. *TeleRead* [blogue], 16 de janeiro de 2010. Acedido fevereiro 4, 2014, em <http://www.teleread.com/ebooks/mortgaging-the-future-of-universities-the-ebook-package-way/>

- Drinkwater, K. (2010). E-book readers: what are librarians to make of them?. *SCONUL Focus*, 50, 15-21. Acedido fevereiro 4, 2014, em http://www.sconul.ac.uk/sites/default/files/documents/6_4.pdf
- Eduserv (2010). *Eduserv e-book survey*, August 2010. Acedido fevereiro 4, 2014, em http://eduserv.org.uk/~media/Eduserv%20areas/Research/Studies/ebook_survey_201008.ashx
- Foment de les Arts i del Disseny (2010). *La letra digital: Retos e interrogantes alrededor del libro electrónico* [em linha]. Barcelona: FAD. Acedido fevereiro 4, 2014, em http://www.hermeneia.net/images/documentacio/la_letra_digital_esp.pdf
- Fowler, G. A. & Baca, M. C. (2010). The ABCs of e-reading. *Wall Street Journal*, 25 de agosto de 2010. Acedido fevereiro 4, 2014, em: <http://on.wsj.com/bpJkcp>
- Furtado, J. A. (2007). *O Papel e o pixel*. Coimbra, Ariadne.
- Furtado, J. A. (2012). *Uma cultura da informação para o universo digital*. Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Gielen, N. (2010). Handheld E-book readers and scholarship: Report and reader survey. *ACLS Humanities E-Book White Paper No. 3*, August 18 2010. ACLS Humanities E-Book. Acedido fevereiro 4, 2014, em <http://humanitiesebook.org/help/heb-whitepaper-3.html>
- Gubern, R. (2010). *Metamorfosis de la lectura*. Barcelona, Anagrama.
- The Internet Archive (2013). *Books in Browsers*. Acedido fevereiro 4, 2014, em <http://bib.archive.org>
- Janneke, A. (2010). *Overview of Open Access Models for eBooks in the Humanities and Social Sciences*. Amsterdão: Open Access Publishing in European Networks. Acedido fevereiro 4, 2014, em http://www.aupress.ca/documents/OpenAccessModels_OAPEN.pdf
- Johnson, L., Beckler, A.S., Cummins, M., Estrada, V., Freeman, A., & Ludgate, H. (2013) *NMC Horizon Report: 2013 Higher education edition*. Austin, Texas: The New Media Consortium. Acedido fevereiro 4, 2014, em <https://net.educause.edu/ir/library/pdf/HR2013.pdf>
- Kulesz, O. (2011). *La edición digital en los países en desarrollo*, Alianza Internacional de los Editores Independientes. Acedido fevereiro 4, 2014, em <http://alliance-lab.org/etude/archives/1236?lang=es>
- Lucía, J. M. (2012). *Elogio del texto digital: Claves para interpretar el nuevo paradigma*. Madrid: Fórcola, (Señales, 8).
- McSherry, C. & Cohn, C. (2010). *Digital Books and Your Rights: A checklist for readers*. Electronic Frontier Foundation. Acedido fevereiro 4, 2014, em <https://www.eff.org/files/eff-digital-books.pdf>
- Miloy, C. (2010). Why e-books mean business. *Research Information*, abril/maio 2010. Acedido fevereiro 4, 2014, em http://www.researchinformation.info/features/feature.php?feature_id=263

Ministerio de Educación. Secretaría de Estado de Educación y Formación Profesional. (2010). *Com firma 2010: Leer para aprender. Leer en la era digital*. Secretaría General Técnica. Acedido fevereiro 4, 2014, em <https://sede.educacion.gob.es/publiventa/detalle.action?cod=13939>

OverDrive (2010). *How eBook Catalogs at Public Libraries Drive Publishers' Book Sales and Profits: Thought Leadership White Paper*. Cleveland, OH. Acedido fevereiro 4, 2014, em <http://www.overdrive.com/files/PubWhitePaper.pdf>

Pew Research Center's Journalism Project Staff (2011). The tablet revolution: How people use tablets and what it means for the future of news. *Pew Research Journalism Project* [blogue], 25 outubro 2011, Acedido fevereiro 4, 2014, em <http://www.journalism.org/2011/10/25/tablet/>

Pinheiro, C. (2011). *Dicionário do Ebook*. Ler Ebooks. Acedido fevereiro 4, 2014, em <http://lerebooks.files.wordpress.com/2011/12/dicionc3a1rio-do-ebook.pdf>

Price Waterhouse Coopers (2011). *Turning the page: The future of ebooks*. Acedido fevereiro 4, 2014, em http://www.pwc.com/en_GX/gx/entertainment-media/pdf/eBooks-Trends-Developments.pdf

Rife, M. C., Slattery S., & DeVoss, D. N. (eds.) (2011) — *Copy(write): Intellectual property in the writing classroom*, WAC Clearinghouse; Parlor Press. Acedido fevereiro 4, 2014, em <http://wac.colostate.edu/books/copywrite/book.pdf>

Rodríguez, J. (2007). *Los futuros del libro*. Salamanca: Melusina.

Rodríguez, J., (2008). *Edición 2.0: Sócrates en el hiperespacio*. Salamanca, Melusina.

Rodríguez, J., Cordón, J.A., & Cabajo, F. (eds.) (2012). *Libros electrónicos y contenidos digitales en la sociedad del conocimiento*. Madrid: Pirámide.

Scholastic (2010). *2010 Kids & family reading report: Turning the page in the digital age*. Acedido fevereiro 4, 2014, em http://mediaroom.scholastic.com/themes/bare_bones/2010_KFRR.pdf

Shillingsburg, P. L., (2006). *From Gutenberg to Google*. Cambridge, Cambridge University Press.

Stern, D. (2010). Ebooks: From institutional to consortial considerations. *Information Today*, 34 (3), May-June 2010. Acedido fevereiro 4, 2014, em <http://www.infotoday.com/online/may10/Stern.shtml>

Vandendorpe, C., (1999). *Du papyrus a l'hypertexte: Essai sur les mutations du texte et de la lecture*. Montréal: Boréal; Paris: La Découverte. Acedido fevereiro 4, 2014, em <http://vandendorpe.org/papyrus/PapyrusenLigne.pdf>

Whalley, B. (2010). E-books and E-content 2010: Data as content. *Ariadne Issue 64*. Acedido fevereiro 4, 2014, em <http://www.ariadne.ac.uk/issue64/ebooks-ucl-2010-rpt>

Withrow, F. B. (2003). *Literacy in the Digital Age: reading, writing, viewing, and computing*. Rowman & Littlefield Education.

> *Recursos online sobre ebooks e novos media*

- Institute for the Future of the Book [www.futureofthebook.org]
- Academic Commons [www.academiccommons.org]
- Book Futures [www.bookfutures.blogspot.com]
- EDUCAUSE Learning Initiative [www.educause.edu/eli]
- Future Lab [www.futurelab.org.uk]
- Ler Ebooks [<http://lerebooks.wordpress.com>]
- Territorio eBook [www.territorioebook.com]
- The New Media Consortium [www.nmc.org]

